

A NUÁRIO ' 2017

DA SUINOCULTURA INDUSTRIAL

ISSN 2177-8930

Nº 06|2016 | ANO 39 | Edição 273 | R\$ 45,00

Gessulli
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO

OS CUSTOS SE ELEVARAM DEMAIS

O ano marca o recorde da suinocultura nas exportações, com mais de 700 mil toneladas embarcadas, mas crise econômica e alto valor do milho impactaram diretamente os resultados do setor produtivo.



avesui
América Latina | 2017
25, 26 e 27 de abril
Florianópolis | SC | Brasil
CENTROSUL
avesui.com

ENTREVISTA

Monique Eloit, diretora-geral da OIE, traça um panorama da sanidade animal no mundo, ressaltando o reconhecimento de 13 Estados brasileiros mais o Distrito Federal como áreas livres de PSC.

A SUINOCULTURA BRASILEIRA E AS TENDÊNCIAS MUNDIAIS

O Brasil ocupa a quarta posição mundial na produção e exportação da carne suína. A produção e o consumo brasileiro desta carne são menores do que o da carne de frangos e de bovinos. A taxa histórica de crescimento da produção e da exportação desta carne não tem sido elevada. Contudo, o ano de 2016 parece iniciar um novo patamar para nossas exportações.

Por Dirceu João Duarte Talamini¹ e Jonas Irineu dos Santos Filho¹



A suinocultura brasileira deve ser analisada considerando o crescimento da sua produção, sua colocação entre os países produtores e exportadores e também quanto ao que está ocorrendo no mercado consumidor. Obviamente, a carne suína participa das cadeias da proteína animal, concorrendo principalmente com as cadeias da carne de frangos e de bovinos pela preferência dos compradores. A carne suína ainda é

a mais produzida e consumida no mundo. Contudo, a carne de frango está apresentando um crescimento mais elevado e existe previsão de que em poucos anos ela supere a carne suína em termos de volume mundial de produção.

A evolução da produção de carne suína nos principais países entre 2012 e a previsão para 2017 pode ser observada na Figura 01. A China é a maior produtora mundial, respondendo por quase a metade da produ-

Figura 01. Principais países produtores de suínos,
milhões de toneladas, 2012 a 2017 (Prev.)

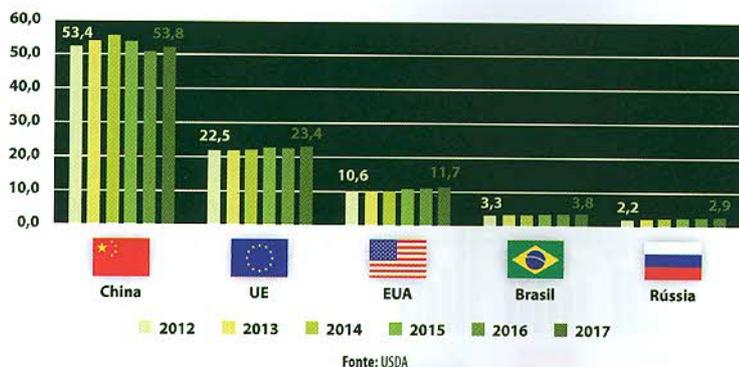
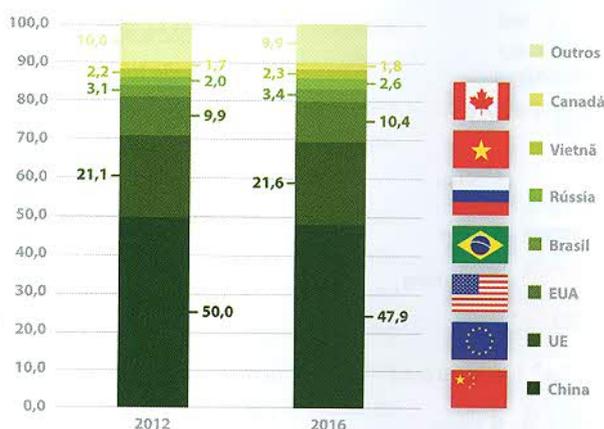


Figura 02. Participação dos principais países
na produção mundial de carne suína em 2012 e 2016



ção mundial, seguida pela União Europeia (UE) dos 28 países membros, Estados Unidos (EUA), Brasil, na quarta posição, e Rússia no quinto lugar. Estes cinco países apresentaram crescimento da produção no período considerado.

A Figura 02 mostra as alterações que ocorreram entre 2012 e 2016 na participação dos principais países na produção mundial. A China detinha em 2012 a metade da produção mundial, tendo caído para perto de 48% em 2016. A União Europeia, Estados Unidos, Brasil e Rússia ampliaram suas *shares* na produção, compensando a perda de participação da China e dos demais países. O Brasil, apesar do crescimento da sua produção, ainda está entre os países menores neste indicador, mantendo seus 3% de participação na produção mundial.

A redução de 1,5 milhão de toneladas da produção chinesa entre 2012 e 2016 foi a novidade no cenário internacional da suinocultura. A consequência deste fato foi o aumento das suas importações para atender

a demanda interna, pois o aumento da população e da renda per capita geraram crescimento do consumo de carnes. A China, além de possuir o status de maior produtor e consumidor mundial de carne suína, passou a ser também o maior importador, respondendo em 2016 por espantosos 2,5 milhões de toneladas ou 29% das importações mundiais. Em 2012, importava 11% do total ou 0,7 milhão de toneladas (Figura 03).

A participação dos principais países importadores de carne suína pode ser observada na Figura 04. A Rússia, após muitos anos tentando aumentar a produção, está tendo êxito nas suas políticas governamentais, podendo atingir a produção de 2,9 milhões de toneladas em 2017. O crescimento da produção interna tem possibilitado a redução de suas importações, que eram perto de um milhão de toneladas em 2012, representando 16% das compras mundiais, devendo cair para 400 mil toneladas em 2017, reduzindo seu *share* para 5% em 2017.

O Japão e Hong Kong mantiveram praticamente estável suas importações, merecendo destaque o crescimento significativo das compras do México, Coreia do Sul e Estados Unidos.

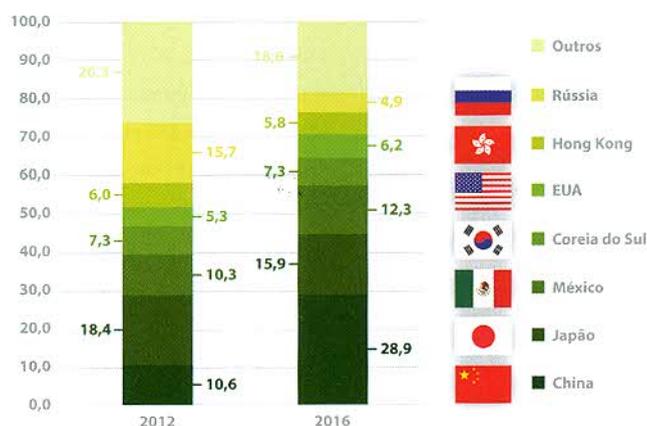
O mercado exportador também apresentou mudanças importantes. A União Europeia, após um período de estabilidade nas suas exportações, apresentou um expressivo incremento das vendas para outros países em 2016, com previsão de manter os volumes exportados também em 2017. Passou de uma exportação de 2,17 milhões de toneladas de carne suína em 2012 para 3,3 milhões de toneladas em 2016.

O Brasil, em uma menor escala, também conseguiu ocupar espaço no mercado internacional saindo de 660 mil toneladas em 2012 para cerca de 900 mil toneladas em 2016. Assim, a participação da União Europeia nas exportações mundiais passou de 30% em 2012 para 39% em 2016 enquanto a do Brasil cresceu de 9% para 10,5% no mesmo período.

Figura 03. Evolução das importações de carne suína dos principais países, milhões de toneladas, 2012 a 2017 (est.)



Figura 04. Participação dos principais países na importação mundial de carne suína em 2012 e 2016



UM OLHAR SOBRE O BRASIL

O Brasil ocupa a quarta posição mundial na produção e exportação da carne suína. A produção e o consumo brasileiro desta carne são menores do que o da carne de frangos e de bovinos. A taxa histórica de crescimento da produção e da exportação desta carne não tem sido elevada. Contudo, o ano de 2016 parece iniciar um novo patamar para nossas exportações, que representavam em 2014 e 2015 perto de 17% da produção e pularam para mais de 24% em 2016, valor que deve se manter ou mesmo crescer em 2017, conforme mostra a Figura 07.

Este novo posicionamento do Brasil no mercado internacional, apesar da queda do valor da tonelada da carne suína *in natura* exportada, foi fundamental para sobrevivência da sua cadeia da suinocultura. Segundo dados

divulgados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) na publicação Estatísticas e Dados Básicos de Economia Agrícola, set/2016, o valor médio da tonelada da carne suína *in natura*, considerando o período de janeiro a agosto de 2015 (US\$ 2.594) e de 2016 (US\$ 1.976), teve redução de 23,8% (Tabela 01). Assim, apesar do crescimento de quase 42% nos volumes exportados, a receita total em dólares subiu apenas 7,7%.

Os preços internacionais, a crise econômica e ainda os altos custos de produção estão reduzindo a rentabilidade de toda a cadeia produtiva de suínos do Brasil, atingindo o produtor rural, as indústrias e até o setor de comercialização. A elevação dos preços do milho em Chapecó (SC) (Figura 08), grande centro produtor e processador de suínos, por exemplo, ilustra as dificuldades por que passa nossa produção animal intensiva. O milho, principal componente das rações para suínos, apresentou uma importante quebra na safra de 2016 e teve volumes expressivos exportados nos últimos anos. Análises

feitas na Embrapa indicam um suprimento apertado deste cereal até o primeiro semestre de 2017 e a necessidade de uma atenção cuidadosa dos consumidores e empresas integradoras no sentido da aquisição e manutenção de estoques deste alimento evitando sua exportação.

A região de Chapecó, no oeste do Estado de Santa Catarina, pode ser considerada como o termômetro para os preços do milho no Brasil. O município



Tabela 01. Exportações brasileiras de carne suína, janeiro a agosto de 2015 e 2016

	Valor (US\$ milhões)			Quantidade (mil toneladas)			Preço médio (US\$/t)		
	2015	2016	%	2015	2016	%	2015	2016	%
C. Suína	816	885	8,4	332	470	41,6	2.457	1.881	-23,5
<i>In natura</i>	754	812	7,7	291	411	41,4	2.594	1.976	-23,8

Fonte: Mapa, 2016

representa uma região importante na produção de suínos e aves e apresenta o maior déficit deste cereal no País. Considerando este município como ponto focal para aquisição de milho, procuramos verificar as regiões mais próximas, com potencial de suprimento, observando o preço do produto nessas regiões e o preço que atingiria em Chapecó, com a inclusão dos custos do transporte, conforme Tabela 02.

Em 2016, conforme dados divulgados pela Epagri, os preços do milho no mercado do atacado em Chapecó apresentaram uma elevação anormal, atingindo perto de R\$ 54 a saca em junho e agosto do referido ano. Os preços iniciaram uma pequena redução, chegando ao redor de R\$ 48 por saca na primeira quinzena de novembro. O sonho catarinense de trazer milho do Mato Grosso, com transporte ferroviário de menor custo, não deve acontecer nos próximos anos e talvez nem nas próximas décadas. A alternativa dos Estados deficitários do Sul do Brasil é adquirir o produto em regiões próximas, no Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso ou na Argentina e Paraguai, onde os preços são menores, mesmo acrescentando o custo do frete rodoviário.

De qualquer modo, é importante estimular o crescimento da produção de milho em Santa Catarina e Rio Grande do Sul para reduzir a dependência de outros Estados ou de importações. A Secretaria da Agricultura, agroindústrias, produtores e entidades representativas estão desenvolvendo iniciativas para aumentar a produção do cereal e manter a competitividade da produção animal do Estado. O aumento da

Figura 05. Exportações de carne suína dos principais países, milhões de toneladas, 2012 a 2017 (est.)

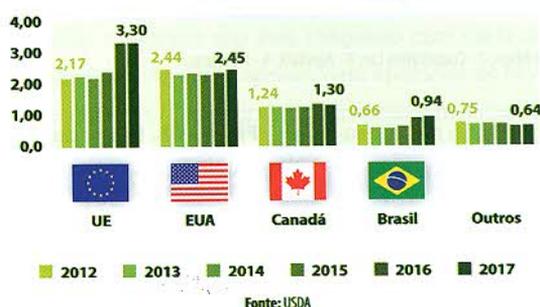


Figura 06. Participação dos principais países na exportação mundial de carne suína em 2012 e 2016

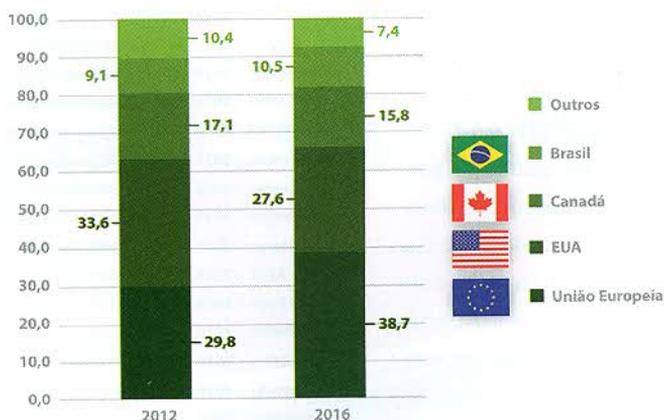


Figura 07. Evolução da produção e exportação brasileira de carne suína, milhões de toneladas



Tabela 02. Regiões produtoras de milho, preços na origem, distância e preço posto em Chapecó, Santa Catarina (preços de outubro de 2016)

Origem do Suprimento	Distância Km ¹	Preço origem atacado R\$/sc	Frete rodoviário ⁴ R\$/sc	Preço Destino, Chapecó R\$/sc
Xanxerê (SC)	46	40,00 ²		40,00
Medianeira (PR)	515	33,00 ²	3,48	36,48
Dourados (MS)	742	30,50 ²	5,10	35,60
Rondonópolis (MT)	1.454	31,20 ³	8,09	39,29
Rosário (Argentina)	1.287	33,22 ³	5,38	38,60
Santa Rita (Paraguai)	515	28,32 ³	7,00	35,32

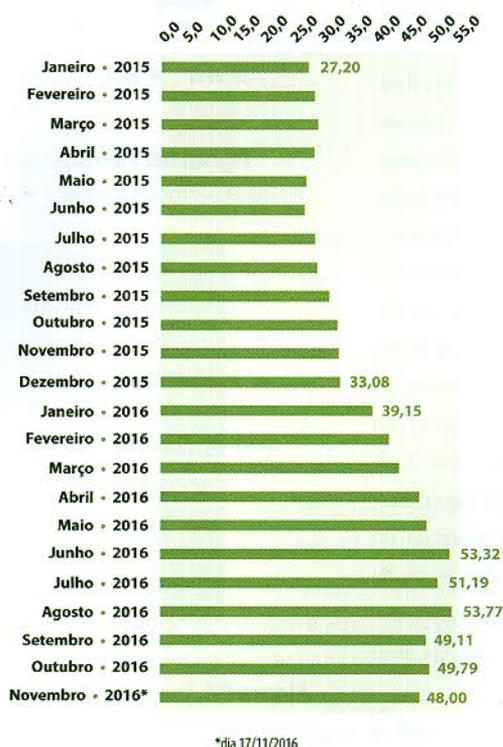
1 - Google Maps; 2 - Cooperativa Lar; 3 - Agrolink; 4 - Fretebras;

produção pode ser via aumento da produtividade ou da área cultivada, reduzindo a área de plantio da soja ou de outras culturas. O preço do milho ao produtor, a lucratividade da lavoura e a estabilidade do mercado são os principais motivadores para o crescimento da oferta. Espera-se que os bons preços em 2016 e condições climáticas favoráveis ajudem o crescimento da produção de milho no Brasil, no Paraguai e em especial na Argentina, onde as taxações das exportações do produto foram eliminadas.

O Brasil se tornou um grande exportador deste cereal e deve continuar neste mer-

cado, com volumes que dependerão dos preços internos e internacionais bem como da taxa de câmbio. Em 2016 e 2017, com a queda da safra nacional de 2016, preços internos elevados e um real mais valorizado, a previsão é de menores volumes de exportação que em 2015. Mesmo assim, o desempenho das exportações entre janeiro e junho de 2016 foi bom, atingindo 12,3 MT e um valor de

Figura 08. Preço do milho em Chapecó (SC) Janeiro de 2015 a Novembro de 2016 (R\$/saca, atacado)

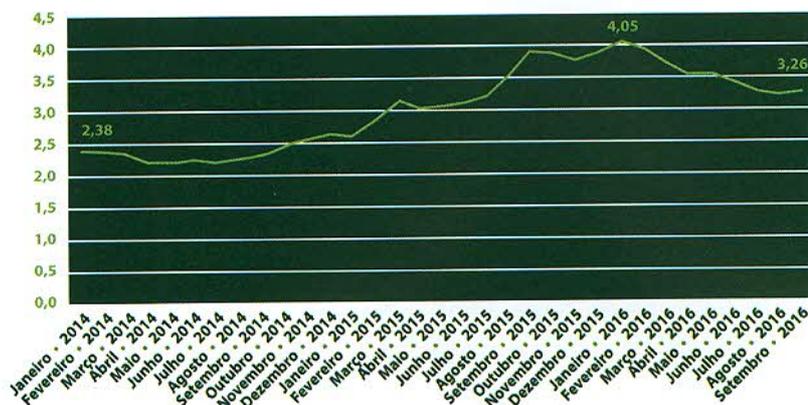


US\$ 2 bilhões, colocando o milho em grãos entre os principais produtos exportados pelo país.

É importante entender as causas dos altos preços, as opções de suprimento bem como entender os sinais do mercado. As cadeias de aves e suínos, competentes e globalizadas, devem apressar as compras e manter estoques do cereal, evitando que as exportações causem desabastecimento. A dura experiência de 2016 sinaliza para a reavaliação das estratégias de aquisição do produto e manutenção dos estoques brasileiros. É fundamental que a produção das regiões deficitárias cresça e atenda

uma maior proporção do consumo, contribuindo para a competitividade, sustentabilidade e evitando novas crises futuras de abastecimento dessas cadeias no longo prazo. Concluindo este olhar sobre a suinocultura brasileira, podemos dizer que o ano de 2016 foi um dos mais difíceis da sua história. A produção enfrentou os altos custos decorrente da globalização e da dolarização dos preços dos

Figura 09. Taxa de câmbio nominal, reais por dólar
Janeiro de 2014 a Setembro de 2016 (Ipeadata)



insumos. Estes custos não puderam ser repassados aos preços dos produtos, pois encontrou o mercado interno encolhido, sofrendo as consequências da crise econômica, do grande desemprego e da concorrência das outras carnes, em especial da carne de frango. O alívio parcial foi resultado do aumento dos volumes exportados apesar da queda do valor do produto em dólares e da queda do dólar frente ao real, o que reduz as receitas das exportações. A tendência de queda do dólar frente ao real (Figura 09), contudo, também pode reduzir os custos de produção brasileiros com a queda dos preços dos insumos importados e dos insumos nacionais que seguem os preços internacionais. As informações apresentadas procuram mostrar que forças internas e externas, decorrentes do agravamento dos problemas do Brasil – instabilidade política, recessão econômica e crise institucional – afetam a cadeia produtiva de suínos. Acreditamos que a solução dessas questões é fundamental para o desempenho da produção, do consumo interno e das exportações. As dificuldades históricas e tradicionais causadas pela burocracia excessiva, deficiências de infraestrutura, de logística, da legislação trabalhista, do peso e complexidade da tributação, temas recorrentes no debate político-econômico nacional, mantêm-se como sérios entraves. Con-

tudo, o próximo ano está chegando com certa dose de otimismo. As crises servem para aprimorar as atividades econômicas preparando-as para colher melhores resultados em períodos favoráveis, o que, acreditamos, vai ocorrer com a nossa cadeia produtiva da suinocultura. ³³

³³ Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves

Alimentação Líquida para Suínos é ALFA

MILHARES DE SUÍNOS COM REDUÇÃO CONFIRMADA DE CUSTOS!

53% Matérias Primas Alternativas

50% Redução de Funcionários

8% Conversão Alimentar

RETORNO DO INVESTIMENTO ENTRE 8 E 18 MESES!

Automação de Galpões e Granjas!

Está indeciso?
Peça um diagnóstico gratuito e tire todas as suas dúvidas!

ALFA
CONSULTE-NOS!

f alfa.suinos alfasuinos.com